

MEMÓRIAS E BRINCADEIRAS DE COLONIZADORES DE SÃO MIGUEL DO IGUAÇU-PARANÁ

LIAMARA SCHWARZ¹,
SANCLÉYA EVANESSA DE LIMA²,
PEDRO FERREIRA REIS,
CESUFOZ, UNIGUAÇU, SEED,
MEDIANEIRAA, PARANÁ-BRASIL
liacascavel@hotmail.com

Introdução

A palavra “cultura” esta presente em nosso cotidiano em vários momentos e é interpretada com significados diversos. No senso comum, uma primeira tradução do conceito diz respeito às manifestações que envolvem as artes de modo geral: musica, poesia, literatura, dança, teatro, circo, festas, dentre tantas outras. Outro sentido atribuído ao termo relaciona-se com o fato de ouvimos dizer que, enquanto “fulano de tal” é uma pessoa muito culta, “sicrano” não tem cultura. A cultura é quase sempre um adjetivo.

A principal dúvida que impulsionou esse estudo foi: o resgate da cultura lúdica dos colonizadores alemães e italianos, e o que fazia no seu tempo livre?

Tendo como objetivo principal, resgatar a cultura lúdica a partir da memória imaterial dos colonizadores alemães e italianos do município de São Miguel do Iguaçu, Estado do Paraná.

Objetivos específicos

- Identificar as brincadeiras e brinquedos antigos da cultura alemã e italiana, a partir da memória e lembranças dos colonizadores de SMI;
- Investigar o mundo do trabalho dos colonizadores alemães e italianos de SMI, visando à busca de elementos para o entendimento da cultura lúdica;
- Identificar as brincadeiras e brinquedos antigos da cultura alemã e italiana, a partir da memória e lembranças dos colonizadores de SMI;
- Investigar o mundo do trabalho dos colonizadores alemães e italianos de SMI, visando à busca de elementos para o entendimento da cultura lúdica;

UMA VIAGEM AO PASSADO DAS BRINCADEIRAS E O BRINQUEDOS

No sentido de Vigotski (1998), brincadeira não é sinônimo de prazer, o brincar não é espontâneo, o brincar não é natural nem próprio das crianças, ainda que se expresse pelas/nas crianças em suas formas mais genuínas. O brincar só pode ser compreendido como processo de inserção em um tempo-espaço de aprendizados demarcadamente sociais.

(...) expressa uma necessidade humana de explorar os objetos culturais de forma a ampliar o universo simbólico que potencializa as mais diferentes representações do real. Constitui-se, por isso, como imaginação e narrativa, processo de problematização e reconstrução da realidade. (Brougère, 1994, p.10)

Alguns autores procuram diferenciar brincadeira de jogo, afirmando que a brincadeira não possui um sistema de regras que estruturam sua experiência.

O brincar e a brincadeira, mais que conceitos, materializam-se como concepções e princípios profundamente complexos: quanto mais os tentamos agarrar, mais eles se dissolvem

¹ Mestre em Educação Física na UFSC, Docente na CESUFOZ, UNIGUAÇU, SEED. Orientadora da monografia final de curso em Educação Física.

² Especialista em recreação, Lazer e animação Sócio cultural na UEL. Docente na CESUFOZ e SEED.

e nos contradizem. Afirmando que a brincadeira expressa uma das formas mais sutis e sofisticadas de partilha de regras, por mais tácitas que sejam.

Contudo, nem todo jogo é uma brincadeira, nem todo jogo se expressa como possibilidade de reconstrução e ressignificação da realidade, o que pressupõe segundo Souza (1996), uma produção “lúdica” (dimensão dos sujeitos e linguagem que expressa uma racionalidade que envolve o corpo, a memória, o simbólico e um universo de significação coletiva e não individual) ou, no sentido de Benjamim (1984), uma possibilidade de experimentar e narrar uma história a partir do que, muitas vezes, foi tomado como “lixo” dessa própria história: aquilo que foi/é descartado por sua aparente inutilidade pode ser (re) humanizado, (re) significado, (re) apropriado como sentido, significado e história. Nisso, certamente, as crianças são as maiores mestras.

CULTURA

Por vezes, a cultura é entendida como o modo de vida, hábitos e costumes de determinados grupos. São línguas, artes, comportamentos, tão diferentes e diversos, que chegam, em alguns momentos, a nos causar profunda estranheza. Ficamos nos perguntando: como é possível uma pessoa ou mesmo um grupo de pessoas viverem desse ou daquele modo? É comum considerarmos o nosso modo de viver melhor e mais interessante do que o de outros povos. Afirmamos, por exemplo, que os índios de hoje estão usando calça jeans e relógio, por isso perderam sua cultura, não são mais índios.

Cultura vem do latim *cultura*, que significa lavoura, cultivo dos campos, instrução, conhecimentos adquiridos, derivado do latim *coçre*, “cultivar, cuidar de tratar”. Opõe-se, desde a época clássica, à palavra latina *natura*, “natureza, ordem estabelecida pela natureza”. A diferença fundamental entre *cultura* e *natura*, é que a *cultura* “lavoura, conhecimentos adquiridos” só se realiza com a participação direta do homem, agindo sobre a *natura*, enquanto esta existe independentemente da ação humana. (ALVES, 2004, p.55)

LÚDICO

Diversos estudiosos se debruçam em dicionários, enciclopédias e obras especializadas em busca de definições para o lúdico – procedimento interessante, mas conforme lembra Nelson Marcelino (1990), pouco esclarecedor. O autor atestou a imprecisão que ronda o significado comum das palavras que designam o lúdico, bem como o seu caráter abrangente.

Em primeiro lugar, porque restringe o lúdico a uma única fase da vida, a infância. Assim, reforça a crença de que pessoas de outras faixas etárias, preocupadas com as coisas “sérias” da vida, não podem se entregar às chamadas “atividades lúdicas”, nas quais predomina um suposto caráter inútil-improdutivo. As manifestações constituem patrimônio cultural e refletem os valores, regras, tradições e costumes de determinado grupo social em diferentes contextos e épocas.

Se tomarmos a realidade como referência, veremos que o jogo não é “desinteressado” como supôs Huizinga. Esse questionamento compromete a característica da gratuidade do jogo, mas não o lúdico.

(BRACHT, 2003, p. 160) “averiguou que na área dos estudos do lazer é “quase uma unanimidade atribuir ao lúdico características eminentemente positivas, como: interessantes, agradáveis””.

Nessa direção, entendo o lúdico como *expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com o contexto*. Por essa razão, o lúdico reflete as tradições, os valores, os costumes e as contradições presentes em nossa sociedade. Assim é construído culturalmente e cerceado por vários fatores: normas políticas e sociais, princípios morais, regras educacionais, condições concretas de existência.

TEMPO LIVRE

O ser humano vive no espaço e no tempo e é na relação dessas categorias que ele estabelece suas relações sociais. A história da humanidade é marcada pela história do tempo e das maneiras de medir o tempo. Hoje, estamos acostumados a viver com base nos símbolos do calendário e do relógio e a medir nossas atividades pelo segundo, minuto, hora, dia, semana, mês e ano, de tal forma que mal podemos imaginar como os homens de épocas anteriores puderam existir sem a ajuda desses elementos. Quanto maior é o desenvolvimento tecnológico de uma sociedade, mais indispensáveis são os instrumentos de padronização e medição do tempo. O tempo pode ser visto como uma instituição social de caráter coercitivo (ELIAS, 1998, p.19) já que toda a existência humana é abarcada pelo sistema de autodisciplina exercido pelo tempo.

Com o desenvolvimento das indústrias e do capitalismo, o tempo do homem passa a ser medido pelo dinheiro e o tempo dominante passa a ser o tempo das máquinas. Assim, os donos das máquinas passam a ser vistos como os donos do tempo. Com o movimento progressivo da sincronização do trabalho, houve um processo de estruturação do tempo industrial.

A lógica do capital rege não apenas o tempo de trabalho, mas também o tempo de não-trabalho. Pensar o tempo livre como um tempo que possui as qualidades de alegria, liberdade, felicidade e descanso é reforçar uma concepção conservadora da sociedade considerando-a harmoniosa, equilibrada e fornecedora de remédios para os eventuais males sociais; uma concepção de sociedade que vê a “cura” da alienação e do cansaço do trabalho no tempo de lazer. Isso não quer dizer, no entanto, que o tempo livre não seja um tempo em que se encontram mais brechas de autonomia que no tempo de trabalho. É preciso lembrar, no entanto, que as formas de ocupações e usos do tempo livre são variadas entre as distintas classes sociais e entre frações de uma mesma classe, lembrança esta que nos atenta para os riscos de se pensar uma sociedade homogênea em que todos são iguais e em que todos têm oportunidades iguais, seja de trabalho, seja de vivência do tempo livre.

Fez parte da pesquisa dez colonizadores do município de São Miguel do Iguçu, Estado do Paraná, sendo dois alemães e oito italianos.

A análise dos dados foi realizada com a busca de levantamentos bibliográficos e historiográficos, com a análise de conteúdo e pesquisa de campo, onde foi feita a entrevista com os colonizadores.

Considerações Finais

Primeiramente para se ter um conhecimento melhor das pessoas pesquisadas, procuramos descobrir de onde eram e como aqui chegaram, sendo assim, na questão um perguntamos aos colonizadores: “Como veio residir em São Miguel do Iguçu-PR, e qual o ano que chegou a SMI?”.

A maioria dos entrevistados diz ter vindo atrás de melhores condições de trabalho onde pudessem melhorar de vida, pois onde estavam não tinha muitas oportunidades para melhorar de vida. Como dizem os entrevistados: lá “onde estava não dava mais nada”, então resolveram se mudar. Outros que eram crianças vieram junto com a família.

Na questão dois, perguntamos aos colonizadores: “Qual é a descendência da família?”
Hickmann é Hickmann, é Alemão né, meu avô veio da Alemanha. (Siegfried G. H.), *Alemã.* (Leandrino J. B.), *Italiana.* (Antonio V.), *Italiana.* (Ângelo G.), *É Italiano, o meu avo veio com oito anos da Itália.* (Adolfo B.)

Percebemos que 80% dos colonizadores são de descendência italiana por serem moradores de uma região de Santa Catarina onde a maioria era de descendência italiana. Os alemães que vieram para cá, vieram de outras regiões.

Para entender melhor essa cultura procuramos investigar seus costumes e festas. Conforme a questão três, perguntamos aos colonizadores: “Quais eram os costumes culturais e das festas?”.

Ah! Mais ou menos que nem hoje, né. Só que nas festas tomava vinho porque cerveja quente ninguém tomava. Naquele tempo, aqui não tinha luz. Nós ficamos tempo, quando viemos pra cá, sem luz. Eu era solteiro, né. Nós “tinha” um clubezinho e nos domingo nos ia lá dança...Aí, ou tomava cerveja quente, ou ficava sem toma. Vinho, aqui, não dá pra toma é muito quente. Ai esquenta pra dança e mais o vinho. Tinha brincadeira nas festas, tinha jogos, tinha bingo, tinha roleta, tinha bastante coisa, mais do que hoje, ficava o dia inteiro brincando. (Antônio B.)

Como percebemos através das entrevistas, naquela época existia muita cooperação entre os indivíduos da sociedade como comenta Ferreira. Isso tornava as festas mais animadas, pois eram épocas em que todos da comunidade ajudavam com aquilo que podiam ajudar, ou fazendo bolos ou ajudando na organização e isso tornava a própria comunidade mais unida e atualmente ainda existe essa cooperação, mas não é mais a comunidade toda que colabora e sim apenas uma pequena parcela da comunidade que trabalha para organizar e fazer a festa acontecer.

Discutiremos o primeiro objetivo: *Identificar as brincadeiras e brinquedos antigos da cultura alemã e italiana, a partir da memória e lembranças dos colonizadores de São Miguel do Iguaçu-Paraná;*

Para isto, na questão quatro, perguntamos aos colonizadores: “Quais eram os tipos de brincadeiras que praticavam na sua infância?”.

*O mais era isso, era pular corda, joga bola, caçador. (Antonio V.)
Futebol, corrida, caça, joga bocha.” (Ângelo G.)*

Ah! Isso lá no meu lugar era pesca, caça, o tempo do bodoque ainda, nos arvoredo caça passarinho, depois dali eu fiquei na roça, era banana, fazia cachaça, plantava milho, feijão, arroz, batata, mandioca, plantava de tudo né pro gasto. (Leandrino J. B.)

Olha! Eu num fazia brincadeira nenhuma. A única coisa que eu fazia era ir caçar passarinho, quando era pequeno... Ah! Fazia isso... la na casa de um, na casa de outro e... Naquele tempo era tudo uma pobreza que num dava de fazer nada... (Luiz P.)

Percebemos que esses colonizadores não tinham muito tempo e nem muitas oportunidades para brincar, pois o tempo que tinham era, na maioria das vezes, gasto no trabalho, na roça, porque quando tinha algum tempo de folga saia para caçar, ia à casa dos amigos para passear e até jogar bola. Observou-se que eram jogos saudáveis, de muita integração e sociabilização, principalmente, entre as famílias vizinhas ou parentes que ajudavam entre si.

Para alcançar o segundo objetivo: *Investigar o mundo do trabalho dos colonizadores alemães e italianos de São Miguel do Iguaçu-Paraná, visando à busca de elementos para o entendimento da cultura lúdica;* Na questão sete, perguntamos: “Que tipo de trabalho que era realizado na infância?”.

Na roça, plantava milho, abóbora, trigo. Naquele época, soja não existia. O que nós tinha: milho, abóbora pros porco, né. Trigo era o forte, hoje não planta mais. Fruta, tinha todo tipo de fruta no mundo. (Antônio B.)

Ah! Isso lá com seis, sete anos já puxava o cabo da enxada, ia na roça ajuda a minha mãe, ajudava na lavoura, plantava aipim, amendoim, batata, abóbora, tudo pra consumo. (Leandrino J. B.)

A criança que trabalha geralmente não brinca, não joga porque o trabalho pode mesmo torná-la indiferente ao lazer, a um descompromisso com aquilo que a rodeia. O cansaço físico, depois de horas e horas de fazer, nega a criança espaços para brincar. “É criança que não

brinca não se torna um adulto normal, porque falta uma educação que venha a receber a despreocupação e a descontração que o lazer propicia”. (SILVA, 2003, p. 259)

Como não existiam funcionários para serem contratados, era a própria família que tinha que fazer o trabalho e faziam de tudo, plantavam muitas coisas, a maioria para o consumo. Por isso, naquela época as famílias eram grandes, cada casal tinha muitos filhos, pois todos tinham que trabalhar e ajudar na roça.

O terceiro objetivo: *Analisar o tempo de lazer/lúdico dos colonizadores alemães e italianos de São Miguel do Iguaçu-Paraná*; foi discutido quando, perguntamos: “Quais eram as atividades praticadas no seu tempo livre?”.

Obsevou-se na fala dos entrevistados o que fazia no seu tempo livre. *Caça, pesca.* (Valdemar M.), *Caça passarinho .Dei pro meu neto a espingarda. Eles falam : o vô, não caça mais.* (Arnaldo J. B.), *Não tinha nenhuma folga, era trabalho e trabalho.* (Ângelo G).

Como Padilha, 2000, p.66 a autora comenta que existem várias maneiras de se ocupar com o tempo livre, até mesmo a caça e a pesca, que foram a maioria das respostas dos entrevistados, algumas outras respostas eram que não tinha folga, era só trabalho, pois a maioria era de família pobre, aí então a necessidade de se trabalhar.

Para atingir o quarto objetivo: *Pesquisar e analisar como os brinquedos eram confeccionados*; Na questão seis, perguntamos: “Como eram confeccionados os brinquedos?”.

Facão, martelo é essas coisas aí, nois naquela época não comprava brinquedo, não tinha. (Valdemar M.).

Uma tabua, um eixo atrás com duas rodas e na frente uma roda que era presa a uma tábua que era usada para dirigir o carrinho. (Ângelo G.)

Ah! Nós pegava uma tábua, pregava uma travessa embaixo e colocava quatro rodinhas tudo de madeira. (Leandrino J. B.)

Sobre gastar o tempo com atividades que não visem à obtenção de dinheiro, muito dos colonizadores gastavam uma parte do seu tempo confeccionando seus próprios brinquedos, utilizando as ferramentas e a ajuda dos mais experientes, como seus avós e pais, aprendendo assim algumas noções de carpintaria. Pois raras eram as oportunidades e os “privilegiados” que ganhavam presentes, e na maioria quando ganhavam alguma coisa era no Natal ou na Páscoa.

Certamente por serem carregados de significados históricos, sociais e culturais, as brincadeiras e brinquedos permitiram desvendar alguns mistérios que ainda estão enraizados na própria vida cotidiana e na cultura desses colonizadores.

A infância dos italianos era difícil dizer até que idade ia. Para a grande maioria das crianças, infância era sinônimo de vida boa e se confundia com o período escolar. Sim, porque tão logo terminassem as aulas, os pequenos eram normalmente incorporados à força de trabalho da família, “cavando” por assim dizer, o seu próprio sustento, trabalhando na roça com os mais velhos. As brincadeiras eram inúmeras e interessantes que entravam e saíam de moda com relativa frequência. Entre elas saltar ribeirões era quase uma unanimidade envolvendo meninos e meninas das mais diferentes idades. Era uma espécie de competição, pois a largura do riacho variava muito em suas voltas pelo meio dos pastos. Invariavelmente alguém caía na água, chegava em casa molhado e corria o risco de apanhar. Entre outras havia o pega-pega, esconde-esconde, banhos de açude, brincar de caminhão, caçar com estilingue e os carrinhos feitos para descer os morros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Vânia de Fátima Noronha. IN: **Dicionário Crítico do Lazer**. Organizado por Christianne Luce Gomes – Belo Horizonte: autêntica, 2004.
- BRACHT, Valter. **Educação Física/Ciência do Esporte: que Ciência é essa?** *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 14(3), p.111-117, 1993.
- BROUGÉRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1994.
- GOMES, Christiane Luce. **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: autêntica, 2004.

SILVA, Mauricio Roberto da. **Trama doce-amarga: (exploração do) trabalho infantil e cultura lúdica**. São Paulo: Hucitec, 2003.
VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**, 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ENDEREÇO COMPLETO:

LIAMARA SCHWARZ

RUA PARÁ 1850, APTO 104, RESIDENCIAL STEFANO.

MEDIANEIRA – CENTRO – PARANÁ.

CEP – 85884-000.

EMAIL- liacascavel@hotmail.com.br

ⁱ Doutorando em Ergonomia na UFSC, Docente na CESUFOZ, SEED.